

## HORTA NA LAJE: COMUNIDADE E IDENTIDADE

João Maia<sup>1</sup>  
Rodrigo Rossi Morelato<sup>2</sup>

### Resumo:

Cercada por vinte e seis bairros – dentre os quais cinco complexos de favelas – a Serra da Misericórdia é o último fragmento verde da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro. Nesse imenso espaço marcado pelo contraste entre o verde das matas subsistentes e o cinza da cidade sempre em expansão, um grupo ambientalista atuante desde os anos 1990 desenvolve uma série de atividades de cunho preservacionista, recreativo e educativo: são os autointitulados *verdejantes*, institucionalizados através da ONG Verdejar Socioambiental. Neste artigo refletiremos sobre como as práticas cotidianas desse grupo ambientalista acabaram por desenvolver fortes vínculos sociais enraizados nas emoções compartilhadas, desencadeando processos de identificação e gerando uma comunidade dispersa em dois pontos distantes da montanha que corta parte considerável da cidade. Para tanto, realizaremos um estudo interpretativo dessas práticas historicamente desenvolvidas, da comunidade emocional que a fundamenta, dos processos de identificação que a erigem e das narrativas de si desenvolvidas por seus membros. Fundamentado no referencial teórico da comunicação e da cultura, este trabalho é parte de uma etnografia que desenvolvemos desde o ano de 2015, quando se deu nosso primeiro contato com os *verdejantes*.

**Palavras-chave:** cidade e comunidade, comunicação, ambientalismo, identidade.

### INTRODUÇÃO

Compreendido entre as baixadas de Inhaúma e de Irajá, o maciço da Serra da Misericórdia estende-se por 26 (vinte e seis) bairros do subúrbio carioca, dentre os quais cinco complexos de favelas – Complexos do Alemão, Penha, Serrinha, Juramento e Sapê – sendo um dos mais importantes remanescentes verdes da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro por localizar-se na área mais populosa da cidade – a Área de Planejamento 3 (AP3) – que conta com mais de 2,5 milhões de habitantes<sup>3</sup>.

Nesse enorme espaço, um grupo ambientalista atuante desde meados dos anos 1990 realiza diversas atividades de preservação ambiental, práticas recreativas que

---

<sup>1</sup> Professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), na Faculdade de Comunicação Social (FCS), Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (CAC). cac\_mangueira@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). rodrigomorelato@gmail.com

<sup>3</sup> <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1529762/DLFE-220205.pdf/1.0> (acessado em 25 de maio de 2017)

contam com caminhadas pelas trilhas que cortam a montanha e diversas iniciativas de educação não-formal que visam desde o reforço escolar até a multiplicação de saberes relacionados à produção e manejo de hortaliças em hortas e pequenos espaços – como lajes e janelas.

São os autointitulados *verdejantes* que, dispersos nos entornos da Serra da Misericórdia, acabaram por desenvolver *suas próprias práticas significantes* (CERTEAU, 1990), uma série de saberes que, nesse jogo de trocas, apropriações e reapropriações operadas pelas pessoas comuns, acabaram por tecer uma cultura.

Neste artigo realizaremos um estudo sobre como essa cultura verdejante gera processos de identificação que embasam um sentimento de comunidade em dois pontos distantes que dão acesso à Serra da Misericórdia: a já citada comunidade Sérgio Silva (Engenho da Rainha) e o Morro da Esperança (Complexo do Alemão).

Partiremos portanto de um estudo interpretativo dessa cultura; buscando as teias de significado tecidas pelas pessoas em seu cotidiano e realizando sua análise, procedimento que preza por “(...) escolher entre as estruturas de significação (...) e determinar sua base social e sua importância.” (GEERTZ, 1973, p. 07). Nosso esforço, de caráter etnográfico, deve muito aos postulados de Clifford Geertz, que assim descreve a natureza do empreendimento:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato, é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicitas, e que ele tem que, de uma forma, primeiro apreender para depois apresentar. (GEERTZ, 1973, p. 07)

Começemos, então, pelas questões do disperso sentimento de amor ao lugar que atravessa a coletividade *verdejante*

## SENTIMENTOS E SEMENTES DISPERSOS

Como se define, hoje, a urbanização brasileira? (...) Mais que uma separação tradicional entre um Brasil urbano e um Brasil rural há, hoje, no país, uma verdadeira distinção entre o Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas rurais). (SANTOS, 2013, p. 09)

É muito gostoso você olhar a terra, cuidar dela... Lançar a semente na terra e ver aquela plantinha nascer e depois você colher o fruto... É maravilhoso... É um prazer... Assim... É um prazer que você não sente fazendo outra coisa...

(Rita Maria Barbosa de Souza, em depoimento para o vídeo *Semana da Alimentação Carioca*<sup>4</sup>)

Em seu breve compêndio sobre o processo de urbanização de nosso país, o geógrafo Milton Santos não trata apenas das particularidades do recente processo de urbanização brasileiro decorrido em grande parte no “(...) terceiro terço do século XX” (SANTOS, 2013, p. 09), mas também dos obstáculos históricos, das implicações socioeconômicas e das transformações culturais dessas vertiginosas transformações nas cidades que, no caso do Rio de Janeiro, viu sua população multiplicar-se em mais de cinco vezes entre os anos 1940 e 1980<sup>5</sup>.

Para além portanto de uma análise geométrica dos processos de transformação urbana, sua sensibilidade às questões do comportamento humano levam em consideração a interpenetração de práticas tidas como “rurais” na cidade.

De nossa parte cabe considerar que ao processo aparentemente homogêneos e estratificantes dos quais se pode pensar quando da edificação das cidades, seus habitantes e visitantes encontram diversas *brechas* (CERTEAU, 1990) através das quais as pessoas podem exercer seus fazeres carregados de valores e memórias. É nesse sentido que numa calçada quebrada se pode plantar um abacateiro, ou num canteiro de condomínio se pode semear temperos, ou no alto de um morro se pode construir uma horta comunitária.

Em outra ocasião (MAIA&MORELATO, 2017) explanamos o recurso a esse senso de oportunidade através de ações táticas (CERTEAU, 1990) quando da disputa de um espaço – a saber: numa das trilhas de acesso à Serra da Misericórdia uma área recentemente reflorestada pelo grupo foi alvo de um “loteamento” que, posteriormente, se converteria em novas casas a desmatar o verde recuperado; munidos de um conhecimento acumulado sobre o manejo ecológico, os *verdejantes* construíram nesse local uma horta comunitária, estancando o crescimento urbano ao formar um novo espaço de convivência, ensino e trocas para usufruto dos moradores da Comunidade Sérgio Silva, no bairro do Engenho da Rainha.

---

<sup>4</sup> disponível em <https://www.facebook.com/VerdejarSocioambiental/videos/1183440835059375/> (acessado em 25 de maio de 2017)

<sup>5</sup> Uma das principais autocríticas tecidas por Milton Santos a esse trabalho deve-se à desatualização dos dados quando da escritura do projeto devido ao atraso do recenseamento na época. Na referência em questão, a população do Rio de Janeiro consta como 1.759.395 em 1940 e 9783991 em 1980. Optamos por manter os dados e texto originais.

Contemplar a montanha, abrigar-se à sombra de suas árvores, percorrer suas trilhas e chegar a um mirante escondido que inverte a perspectiva que usualmente se tem sobre a Zona Norte do Rio de Janeiro são modos de se apropriar de um espaço muito particularmente cultivadas. Apreendidas pela percepção, convertidas em atitudes e conceitualizadas numa visão de mundo, essas sensações materializadas nos corpos acabam por dar forma a um sentimento tão caro aos *verdejantes*: a topofilia.

A lógica sensível da geografia cultural abre os caminhos para o trato da topofilia enquanto “(...) um neologismo útil, quando pode ser definido em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.” (TUAN, 2010,p.107). Experimentada através do contiguidade física, da apreciação estética, da prática esportiva, da experiência rememorada via familiaridade e das tentativas de manutenção do espaço disputado através de ações ambientalistas, o sentimento topofílico que atravessa as relações *verdejantes* deve ser entendido enquanto elemento constituinte de um cosmovisão partilhada por essa coletividade.

## **DOS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Das questões sobre a identidade certa tinta já correu. Das contribuições das diferentes etnias que vieram a compor o nacional desde épocas de colônia (ORTIZ, 2012) ou de uma nova hibridismo proporcionada por imigrantes do século XIX e XX (LESSER, 2015), tendo eles permanecido em “guetos“ urbanos ou rurais (DUTRA & RIBERO, 2013), uma questão se faz pacífica, a de que

(...) toda identidade é uma construção simbólica, o que elimina portanto as dúvidas sobre a veracidade ou falsidade do que é produzido. Dito de outra forma, não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos. (ORTIZ, 2012, p.8)

Discorrer sobre as dificuldades de forja de uma identidade nacional (mesmo que mestiça) talvez seja, novamente, ponto pacífico – sobretudo na contemporaneidade, onde os processos de constituição identitários se tornam cada vez mais reflexivos, isto é, tributários das capacidades de composição individuais ou coletivas a partir de um cada vez mais acessível universo de referências propícios à combinação e à constituição de coerentes *narrativas de si* (GIDDENS, 2002).

Como, então, discorrer sobre a identidade?

Nesse sentido talvez se faça interessante um reposicionamento, alargamento ou descentramento do debate acerca de sua constituição, quem sabe não seria esse debate menos centrado no “eu” e mais em outras categorias? Talvez pensar a identidade enquanto projeto que se desenrola no espaço, tempo, memórias e relações. Quanto a essa necessidade, talvez Maffesoli nos seja de grande valia em sua sugestão de que

O eu é apenas ilusão, ou antes, é uma busca um pouco iniciática, não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade de suas diversas expressões. (MAFFESOLI, 1996, p.303)

Retornemos, pois, à Comunidade do Morro da Esperança. Lá, onde as casas beiram as árvores, mora Dona Josefa. Sua pequena casa de três cômodos acolhe os quatro netos cuja guarda legal ela tenta viabilizar. Em seu escarpado quintal, ela plantou algum milho, feijão, maxixe e tomates. Sobre esse pequeno espaço ela fala

Eu plantei uma horta na minha casa... Alguém passa e fica admirando... Mulheres também querem que eu faça uma horta na sua laje, no seu quintal... Então a minha casa tá sendo assim... – DONA JOSEFA (Vídeo “Programa 03”, produzido pela ONG Verdejar Socioambiental<sup>6</sup>)

Outra moradora do Morro da Esperança, a jovem Suellem, não possui em sua casa um quintal ou nada que se pareça com um jardim, mas possui uma pequena laje. Um carrinho de mão em desuso se tornou um canteiro e, com a primeira muda – um pé de maxixe oferecido por Dona Josefa – Suellem começou a plantar e colher, talvez apenas por lazer e terapia, em sua pequena laje. Segundo ela

As vezes eu tô muito estressada... Fico nervosa... Aí eu venho aqui, fico mais de meia hora aqui, mexendo... As pessoas passam e falam “você tem problema, você não regula não, fica aí meia hora...” Aí isso daqui [mostra a sementeira com as mudinhas] eu pego e fico com o vidro do desodorante espirrando bem cada um no teu quadrado... E eu tô gostando! Eu acho que eu tô menos (sic) desestressada... Não tô mais estressada que nem eu tava antes. – SUELLEM (Vídeo “Programa 03”, produzido pela ONG Verdejar Socioambiental)

São essas trocas, essas interpenetrações do eu que constituem os processos de identificação em que os *verdejantes* se constituem e se reconhecem. No plantar e colher; no adaptar do quintal à laje; na troca de sementes e mudas; no compartilhamento de saberes quanto ao manejo. Sobretudo, num sentimento que atravessa essa coletividade e se tece no cotidiano.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://youtu.be/d7nm0dLwLIM> (acessado em 25 de maio de 2017)

É nesse sentido que as emoções compartilhadas e externadas através das performatividades devem ser entendidas enquanto um dos principais traços constituintes dos laços sociais na contemporaneidade. Retomando Maffesoli

“(...) as relações sociais repousariam sobre uma série de identificações em que, segundo a oportunidade, cada pessoa, revestindo essa ou aquela máscara, exprimiria uma parte de si próprio” (MAFFESOLI, 1996, p. 322)

## **SOBRE A COMUNIDADE**

Pensar a identidade não enquanto uma destilação das essências, mas como processos que se constituem através de atravessamentos interpessoais pautados na empatia, na criatividade e nas vivências compartilhadas: essa postura muito próxima está de algumas compreensões sobre o conceito de comunidade. Esse conceito ressurgente, encerra em si uma certa polissemia que cabe a nós destacar na medida da elucidação dos usos que dele pretendemos.

O conceito foi inserido no debate sociológico por Ferdinand Tönnies (1855~1936) que, tributário do evolucionismo social muito em voga no século XIX, tenta descrever a comunidade enquanto uma etapa “natural”, orgânica, ligada à terra e às relações de parentesco, uma espécie de pré-condição para o surgimento da sociedade cuja matriz fundante seria o indivíduo, os contratos sociais e a racionalidade.

O pensamento de Toennies é binário quanto ao mundo: há um tradicional, ligado à terra e às tradições que remetem ao medievo (*Gemeinschaft [Comunidade] – vontade integral e natural*); e há outro relacionado ao comércio, à cidade e à busca pelo lucro (*Gesellschaft [Sociedade] – vontade racional*).

Na comunidade haveria maior liberdade, e as ações seriam realizadas de acordo com a vocação dos sujeitos. Na sociedade, os indivíduos optam por escolhas dentro de um quadro de imposições externas. Segundo o próprio Toennies *Gesellschaft (Sociedade)* “(...) é um agregado mecânico e artificial, onde as pessoas estão por essência separadas apesar de todos os fatores agregantes” (TÖNNIES *apud* BUBER, 1987, p.16/17); enquanto que a *Gemeinschaft (Comunidade)*

“(...) é ‘real e orgânica’, um tipo de ‘vivência de conjunto – íntima, privada, possuidora de exclusividade’, uma ‘vida em comum’ onde os indivíduos se mantêm essencialmente unidos, apesar de todos os fatores desagregatórios” (TÖNNIES *apud* BUBER, 1987 p.17).

O interessante é que o contraponto ao pensamento de Tönnies das questões da comunidade e da sociedade sob a perspectiva do evolucionismo social se desenrola na mesma época, através dos escritos de seu contemporâneo Martin Buber (1878~1965).

Em um texto célebre<sup>7</sup>, Buber defende que a comunidade não deve ser entendida enquanto uma rede de laços co-sanguíneos baseados na tradição a ser “superada” pela sociedade. Acredita que mesmo na moderna Europa dos séculos XIX e XX haveria uma “nova comunidade” que se manifesta através de uma “lei intrínseca da vida” e de um “princípio criativo” erigindo-se a partir da livre-escolha das relações que se tece com o outro através da empatia, da criatividade e da vivência. Segundo o autor

(...) pelo fato de não estarmos unidos por alguma concepção comum, nas por uma vivência surge em muitos homens atualmente e por isso mesmo muitos destes que nós nunca vimos e dos quais sabemos tão pouco e que de nós tão pouco sabem, estão vinculados mais profunda e completamente a nós do que alguns que vemos todo dia, mesmo que partilhem nossa opinião sobre isto ou aquilo, enquanto que os primeiros possuem outros horizontes e pensamentos. (BUBER, 1987, p. 36)

A comunidade teria portanto relação com um determinado tipo de vida em comum: a reafirmação da condição relacional entre as pessoas onde a personalidade, o caráter, os afetos, as afinidades e as memórias compartilhadas geram a coesão social.

## **SOBRE A CONTEMPORANEIDADE**

O esmaecimento das instituições e do imaginário positivo operantes na Modernidade geram, em nosso tempo, um ambiente de ceticismo quanto à primazia da razão a ordenar o social. O *triunfo da vida* (MAFFESOLI, 2004) marcado pelo retorno de formas primitivas em sinergia com essa experiência pregressa aponta para uma revalorização do vivido, do compartilhado e dos sentimentos: um reencantamento do mundo.

Nesse sentido, MAFFESOLI escreve que

Inspirando-se nas fontes tradicionais, o enriquecimento, a ampliação que o ideal comunitário coloca em ação é uma revalorização da experiência em todos os sentidos do termo. Ou seja, uma experiência vivida no seio da comunidade, mas, também, experiência que se enraíza em um substrato mais amplo, o da memória coletiva. (MAFFESOLI, 2014, p.180)

---

<sup>7</sup> BUBER, Martin. *Nova e antiga comunidade*. In: BUBER, Martin. *Sobre a comunidade*. São Paulo : Editora Perspectiva, 1987

A tessitura da comunidade deve ser entendida através do cotidiano, dos laços de escolha filtrados pela experiência compartilhada no vivido. Nesse sentido, talvez recorrer à fala de um dos moradores do Morro da Esperança seja interessante ao entendimento.

Tava faltando alguma coisa... Eu entrei pra associação de moradores pra tentar juntar a galera ainda mais... Mas não era aquilo que tava faltando... Virei vice-presidente da associação, que logo larguei... Não era aquela coisa que tava faltando... Percebi que aquilo que faltava exatamente era alguém pra me apoiar. Era muito fácil levar as crianças para passear, ir à praia, plantar uma planta e logo depois ela secar... – MARCIO (Vídeo “Programa 03”, produzido pela ONG Verdejar Socioambiental)

Esse “alguém” a quem Márcio se refere diz respeito a Edson Gomes, morador do Engenho da Rainha que, certo dia, como de costume, foi até a localidade do Morro da Esperança procurar outras pessoas tocadas pelo sentimento de plantar e colher, reflorestar e manejar o verde. Esse processo de identificação e tessitura de uma comunidade é definido pelo próprio Edson segundo as seguintes palavras

A cada ano novos moradores chegam, vão se agregando, vão trazendo novas ideias e é assim que o *Verdejar* é constituído. Ele começou com o sonho de um homem, que se somou ao sonho de mais pessoas e hoje são várias pessoas que sonham e fazem esse trabalho do *Verdejar* acontecer – EDSON (Vídeo “Programa 03”, produzido pela ONG Verdejar Socioambiental)

A relação contratual procurada por Márcio através de sua posição enquanto representante da associação de moradores não nos parecia suficiente para gerar uma agregação social de cunho comunitário. A lógica das interações sociais na contemporaneidade, tecida através de laços de reconhecimento só se faz possível através da busca de um *ideal comunitário* (MAFFESOLI, 2014) que permeia a contemporaneidade pois “(...) o que constitui a graça comunitária é a capacidade de se perder no outro” (MAFFESOLI, 2014, p175). Nesse sentido, o “sonho” evocado diz respeito ao compartilhar as possibilidades do espaço verde iniciadas por Luiz Carlos Marins, o Luiz Poeta (1957~2011).

Morador da Comunidade da Fazendinha – uma das comunidades vizinhas à Comunidade Sérgio Silva –, Luiz Carlos de Matos Marins era mais conhecido pelo epônimo Luiz Poeta por seus hábitos de compor e recitar poesias a partir dos seus sentimentos e vivências na Serra da Misericórdia.

Praticante de jogging, ciclista e adepto de uma “alimentação saudável”, Luiz Poeta percorria os arredores e trilhas da Serra da Misericórdia em sua prática lúdica/esportiva, sempre realizando a coleta do lixo despejado aos arredores da mata, plantando árvores e apagando incêndios muito comuns naquele espaço. Esses fazeres, que foram despertando pouco a pouco a atenção de moradores da Comunidade Sérgio Silva, acabaram por agregar um grupo ambientalista que se caracterizam enquanto aquelas ”(...) formas de comportamento coletivo que, tanto em seus discursos quanto em suas práticas, visam corrigir formas destrutivas de relacionamento entre o homem e seu ambiente natural ”. (CASTELLS, 1996, p.146)

O poeta, como era chamado, fazia a transcrição da realidade social vivida nos espaços da Serra da Misericórdia através de poesias. Uma delas, a poesia *Verdejar Já*, foi a que deu origem ao nome que grupa essa coletividade verdejante, que segue

Morar em Piabas... / Quando será? / A serra é quem clama: / misericórdia! / Porém,  
entre balas e fumaças: / Zona Norte, Rio / a serra se lança no maior desafio: /  
verdejar, já! / Já te amo Serra da Misericórdia! / Te amo! / O seu verde precisa  
verdejar / nesta redondeza sem paz, pálida e poluída / Te amo Serra da Misericórdia!  
Te amo! / Penha, Olaria, Complexo do Alemão, Ramos e Bonsucesso, Engenho da  
Rainha e Tomás Coelho, Vicente de Carvalho, Vila Cosmos, Vila da Penha e Penha  
Circular... / Circundam a Serra da Misericórdia. / Te amo Serra da Misericórdia! Te  
amo! / O seu verde precisa verdejar / nesta redondeza sem paz, pálida e poluída / Te  
amo Serra da Misericórdia! Te amo!

(poesia *Verdejar Já*, autoria de Luiz Poeta, década de 1990)<sup>8</sup>

## CONCLUSÕES

Neste breve estudo tivemos como meta a reflexão sobre os processos constitutivos da comunidade no seio da contemporaneidade.

Prezamos sobre as questões que constituem uma comunidade emocional que, a partir de processos de identificação tecidas pelas pessoas, podem desenvolver novas formas comunitárias segundo as questões do imaginário contemporâneo fundamentado nas práticas cotidianas de seus usuários.

Demarcamos a perdurância dessas ações não como restritas à Serra da Misericórdia ou à Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, mas como inferências dos modos de organização das sociedades contemporâneas como um todo.

---

<sup>8</sup> disponível em <https://www.verdejar.org/poesias> (acessado em 25 de maio de 2017)

**BIBLIOGRAFIA**

- BUBER, Martin. *Sobre a comunidade*. São Paulo : Editora Perspectiva, 1987.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis : Vozes, 1998.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida & RIBEIRO, Nádya Oliveira Vizotto. *A antropologia urbana no Brasil*. Juiz de Fora : Teoria e Cultura, 2013 (baixado)
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editores, 2002
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo : Editora da UNESP, 2015
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis : Vozes, 1996
- \_\_\_\_\_. *Homo eróticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro : Forense, 2014
- MAIA, João & MORELATO, Rodrigo Rossi. *Eco-limite: tática fundante do cotidiano*. Santo Amaro da Purificação : Anais do I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo (I ENICECULT), 2017
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo : Brasiliense, 2012
- SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2013